

Autor: Alejandra Rodrigo – Escuela Freudiana de Buenos Aires

Título: Acerca do lugar do analista, o semblant e a angústia

Dispositivo: Mesas Simultáneas de Trabajos Libres

---

Recentemente, a propósito de uma emissão televisiva, tivemos ocasião de participar de uma resenha sobre o ensino de Lacan.

Ali, em uma reportagem realizada em 1972, respondia a seu interlocutor que a psicanálise transcorre na dimensão do equívoco e o resumia na seguinte frase: “... eu não faço você dizê-lo”, pois, acrescentava “... é você quem o diz”, já que “... não sou eu quem o digo”.

Poderíamos então ler que, no interstício de ambos enunciados, emerge a experiência do inconsciente.

Pois então, se o inconsciente está estruturado como uma linguagem, será pela transferência que se ordenará em discurso, já que o saber está suposto em algum lugar pela regra fundamental, sendo que é da estrutura mesma da neurose supor que em algum lugar o Outro sabe, “princípio de razão suficiente”, como o chamava Lacan, (aula de 4-6-69), que faz do Outro esse Um a quem é dirigida a palavra.

Nessa mesma reportagem, mencionada no começo, Lacan respondia à pergunta pela transferência: “... a transferência é o amor”. Afirmação cuja contundência sustentamos, entanto que é condição necessária para a eficácia da função desejo do analista.

É por esta função que se abrirá a possibilidade de uma brecha que marque a distância que o sujeito mantém com seu ser, reduzido ao que o objeto “a” representa como inadequação essencial com o saber, um saber suposto que será deposto chegando ao final da análise.

É precisamente por essa inadequação, que está no ponto de partida e que o amor tende a velar, que o trabalho do inconsciente vai deixando um resto, cuja passagem ao lugar da causa será possível apenas se o analista se deixar tomar ali, não obturando esse lugar, lugar que designa o real da cura.

Esse desejo, desejo de analista, produto de sua própria análise, não obstante, estará sempre em uma tensão constante com o gozo, com o gozo de analista, ou

seja, quando este goza como resposta transferencial ou simplesmente quando goza da transferência.

No gozo de analista, a presença tomou o corpo, no sentido de que nesse gozo está interessado seu corpo.

Então, avancemos com a interrogação: de que gozo se trata?

Neste ponto caberia também perguntar-se se o desejo de saber, que Lacan coloca em equivalência com a emergência do desejo mesmo, quando ocupa a cena transferencial, não poderia ficar subvertido pelo gozo ao fazer, para o analista, teoria neurótica da análise que conduz.

A propósito da transferência, Lacan nos dizia, (aula de 24-5-61)... “nós, os analistas, não operamos... senão no registro da Versagung... ela implica uma direção progressiva que é a mesma que colocamos em jogo na experiência analítica” e logo, (aula de 31-5-61) “... não podemos fazer mais do que nos comprometer na Versagung mais original”<sup>1</sup>.

A versagung original, lembremos, permite ao sujeito, pela emergência do significante, recusar-se, já que é o sujeito mesmo quem se produz como efeito da subtração de gozo pela via do significante.

Tomando esta referência, podemos dizer que o desejo de analista opera enquanto houver versagung do gozo de analista, colocado em jogo na transferência.

Por outro lado, quando Lacan avança com relação aos discursos e formaliza o Discurso Analítico, coloca no lugar do agente o “semblant” e escreve ali a letra “a”.

Na medida em que o analista se faça incauto de um dizer, formando parte do conceito de inconsciente, se fará destinatário do objeto do fantasma que se constrói na análise. O analista é efeito de um discurso e, em tal sentido, lembremos o que Lacan formula (aula de 21-6-67)... “O discurso que encomendamos como discurso livre, tem por função fazer-lhe lugar, tende a instaurar um lugar de reserva, para que se inscreva aí esta interpretação e possa preservar a verdade. Esse é o lugar que ocupa o analista”<sup>2</sup>.

O lugar do semblant se vincula com a função primária da verdade, onde quem fala é o significante mesmo. O “a” é, então, efeito de uma perda que faz falar à verdade na enunciação.

---

<sup>1</sup> Tradução livre (N. de T.).

Trabalho sobre a verdade que resulta penoso, dizia Lacan, (aula de 26-1-69); o saber do analista seria o saber estar ali, suportando esse lugar, para que aquilo fale, conseqüente com o saber fazer aí que questiona o saber em sua insuficiência mesma.

Não é algo óbvio que o analista opere pelo simples fato de ocupar o lugar que lhe confere a transferência.

Então, retomando a pergunta pelo gozo: como poderia o analista, advertir-se desse gozo que o toma na cena transferencial?

Que sinal lhe poderia indicar que sua função está interrompida, que ele está intervindo na direção contrária ao semblant, entanto este, o semblante, sustenta a hiância que preserva o lugar do “a” na estrutura como aquilo que o significante não pode representar?

Não será, também, para o analista, a angústia - sendo a que não engana - um lugar de passagem para retificar sua posição?

Neste sentido, poderíamos dizer que a angústia é sinal para o analista do gozo no qual se encontra implicado com seu fantasma, fazendo da experiência analítica, uma relação intersubjetiva que sustenta a ilusão de que há proporção sexual, na medida em que saber e gozo se conjugam.

Entre outras, o acting out e a irrupção da passagem ao ato denunciariam, como respostas transferenciais, tal estado de situação.

Resulta particularmente apropriado encontrar-nos com uma referência de Lacan, da segunda aula do Seminário XVIII, onde nos diz que às vezes ocorre algo nos limites do discurso, que se esforça por manter o mesmo semblant que faz com que, por acidente, de tanto em tanto, irrompa o real. Isso é chamado de passagem ao ato, a diferença do acting out que é levar o semblant à cena para mostrá-lo. Por tudo isso, poderíamos deduzir que ambos os fenômenos concernem à verdade em sua estrutura de ficção.

Acting out e passagem ao ato, então, são modos de o objeto fazer-se presente na transferência.

---

<sup>2</sup> Tradução livre (N. de T.).

Pelo contrário, se o lugar do “a” está preservado na trama transferencial, abrir-se-á do lado analisante a dimensão temporal da angústia, de cuja passagem advirá esse resto que cause a divisão do sujeito.

Então, a angústia do analista suscita a perda do lugar que sua posição ocupou na transferência e o interpela no corpo mesmo, aí onde com seu gozo ficou implicado.

Para terminar.

O analista tem um dever ético: nem amo nem masoquista e um saber que o faz fazer ali, cada vez que a transferência o convoca, reduzir-se de sujeito a objeto.

Na “Nota Italiana” de abril de 74, Lacan se dedicou, dirigindo-se aos italianos, certamente a afirmar que o lugar do analista é o lugar da caída do saber, do desperdício, do não-todo, para que surja um desejo inédito como dejetos de sua douta ignorância.

Este lugar, assim entendido, cerne a causa do horror ao saber, para que se escreva o “não há proporção sexual”.

Então, a verdade, como “lenha a esquentar”, desde que seja dita pela metade, será o lugar onde este saber se escrete. Um saber que haverá que inventar para cada análise e assim poder fazer o amor mais digno, o que não é mais que devolver-lhe a dignidade ao sujeito.

Alejandra Rodrigo

08 de Maio de 2009

#### Bibliografia:

Lacan, J: Seminário XIV “*La lógica del fantasma*”. Inédito, EFBA.

Seminário X “*La angustia*”. EFBA.

Tradução ao espanhol: R. Rodríguez Ponte

Seminário XVIII “*De un discurso que no sería del semblante*”  
EFBA.

Tradução ao espanhol: R. Rodríguez Ponte

Seminário XVI “*De Otro al otro*”. Ed. Paidós.

Seminário VIII “*La Transferencia*”.EFBA.

Tradução ao espanhol: R. Rodríguez Ponte

“Nota Italiana” Tradução ao espanhol: Carmen Gallano e Vicente Mira.

“*Fascículos de Psicoanálisis: La Escuela a  
Ojos vista*”. Ed. Eolia. EFBA.